

VIVER A FÉ

• • E • •

ANUNCIAR

≡ O AMOR ≡

Cruz de Malta

Cruz de Malta

Revista para Escola Dominical - Jovens
Aluno(a)

Secretaria Executiva Editorial

Joana D'Arc Meireles

Colégio Episcopal

Hideide Brito Torres – bispa assessora

Coordenação editorial

Andreia Fernandes Oliveira

Equipe de Redação

Andreia Fernandes Oliveira

Anderson Salgado Campos

Roseli Oliveira

Mauren Julião

Colaboração

Adi Éber Pereira Borges

Anderson salgado Campos

Andreia Fernandes

Eber Borges

Felipe Bagle

Hideide Brito Torres

Isabela Costa Campos

Martin Barcala

Roseli Oliveira

Revisão

Mauren Julião

Projeto Gráfico e Editoração

Alixandrino Design

Angular Editora

Departamento Editorial - Associação da
Igreja Metodista

Av. Piasanguaba, 3031 – Planalto Paulista -
04060-004 – São Paulo

Tel. (11) 2813-8643 / (11) 2813-8600

escoladominical@metodista.org.br

<http://angulareditora.com.br>

<http://www.metodista.org.br/escola-dominical>

Todos os direitos nacionais e internacionais
reservados à Angular Editora.



2017.2

SUMÁRIO

- 04** Mostre ao mundo sua fé
- 08** "Sal fora do saleiro"
- 12** Esperança no deserto
- 16** Tolerância e Pacificação
- 21** Violência, uma triste realidade
- 25** A fé que vence a dúvida
- 29** Coragem para descansar
- 33** Alimentar-se da simplicidade
- 38** Gideão: fé renovada
- 42** Ostentação, um perigo real
- 46** Companheirismo na missão
- 49** Fé em tempos difíceis
- 53** Deus ouve nosso clamor
- 57** Deus está no controle
- 61** O perigo das drogas
- 65** Solidariedade e milagre
- 68** Tudo tem o seu tempo
- 71** Ver a cidade com fé
- 77** *Sola Fide*: a Reforma Protestante
- 81** *Sola Scriptura*: os reformadores
- 85** *Solo Christus*: as mulheres da Reforma
- 89** *Sola Gratia*: méritos humanos não salvam
- 93** *Soli Deo Glória*: culto somente a Deus

PALAVRA DA REDAÇÃO

Viver a fé e anunciar o amor é o tema desta edição da revista Cruz de Malta. Nosso desejo é que, a partir das experiências de fé relatadas na Bíblia, encontremos inspiração para nossa fé, alimento para nossa esperança e coragem para seguir crendo na fidelidade, no poder e na graça de Deus sobre nós.

No deserto Deus se manifestou a Agar, na escassez proveu o azeite para a viúva. Diante do medo de Gideão, o encorajou. Ele também age assim em nossas vidas. Conhecer as experiências do povo da Bíblia nos ajuda a prosseguir com esperança em direção ao prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (**Filipenses 3.13**).

Ao experimentar o agir de Deus, temos que anunciar o seu amor. Em todo tempo e lugar existem pessoas que precisam escutar deste amor salvador e restaurador. Nesta edição estamos com um olhar especial para as cidades e as suas demandas: o problema com as drogas, a violência, o excesso de trabalho, o consumo e a ostentação, a alimentação inadequada, a solidão e o sofrimento. Olhar a cidade com fé, como fizeram Calebe e Josué em relação à terra prometida, é o nosso desafio.

O tema dos 500 anos de Reforma Protestante não poderia ficar de fora, assim elaboramos 5 estudos sobre a Reforma, para que você conheça um pouco mais sobre a história e os pressupostos teológicos que originaram o movimento protestante no mundo.

Com esta revista desejamos alimentar a nossa fé para fortalecer o nosso compromisso de anunciar o amor transformador do nosso Deus.

Invista tempo nas leituras bíblicas e no estudo das lições; a finalidade deste material é ser instrumento para conhecer mais as Escrituras e assim crescer na Graça e no conhecimento de Jesus Cristo.

Que Deus nos abençoe.

Soli Deo Glória
Equipe de Redação da Revista Cruz de Malta

Estudo 01:

Mostre ao mundo sua fé

Texto bíblico: Tiago 2.14-26

"Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta."
v. 17

João Wesley, pastor que iniciou o movimento wesleyano na Inglaterra, no século XVIII, dizia: "não há santidade que não seja santidade social"; e "reduzir o cristianismo tão somente a uma expressão solitária é destruí-lo". Ele foi um homem sensível às carências da sua época, tanto no âmbito espiritual como no social e comunitário. Por isso, incentivava os cristãos e cristãs a uma vida de santidade pessoal expressa tanto em obediência aos preceitos e direções de Deus como no socorro e luta pelas pessoas necessitadas, atitudes através das quais pudessem, como ele afirma, "reformular a nação, especialmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica".

Fé e obras foram a base do movimento wesleyano e, bem antes disso, como veremos neste estudo, foi também a base do ministério exercido pelo apóstolo Tiago.

A polêmica epístola de Tiago

A epístola de Tiago é endereçada às doze tribos que se encontravam na "Dispersão" (**Tiago 1.1**). Essa dispersão alude ao ano 70 d.C., quando o Império Romano destruiu Jerusalém, promovendo a diáspora ou a dispersão da população.

Essas tribos a que o apóstolo se refere não dizem respeito àquelas organizadas como no Antigo Testamento, até porque nesse período elas não mais existiam. O povo de Deus agora era formado por pessoas judias e gentias convertidas e a intenção da carta era instruir todos os cristãos e cristãs espalhados pelo mundo da época.

Essa epístola é considerada por muitas pessoas como polêmica, tendo em vista os assuntos por ela tratados, tais como a declaração de

que exclusão, discriminação e diferenciação de classes também são praticadas dentro das igrejas (**Tiago 2.1-10**). A crítica de Tiago era destinada à liderança das sinagogas que fazia distinção entre pessoas ricas e pobres. Para o apóstolo, com essa prática, tornavam-se como "juizes tomados de perversos pensamentos" (**v.4**).

Outro tema controverso é a relação fé e obras. Tiago afirma que "... a fé, se não tiver obras, por si só é morta" (**Tiago 2.17**), demonstrando forte correlação entre estas duas dimensões. No entanto, tal afirmação parece estar em contradição com as palavras do apóstolo Paulo, que afirmou que "... o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei" (**Romanos 3.28**). Como compreender estas aparentes contradições?

É exatamente o tema da aceção de pessoas que sustenta a afirmação de Tiago. Como pode alguém que diz amar a Deus e ao próximo (**Tiago 2.8-10**), não ser capaz de demonstrar com atos este amor? Assim, diante dessa espiritualidade sem prática, ele contesta a afirmação de que somente a fé é necessária para salvar (**Tiago 2.14**).

Tiago, então, questiona o tipo de fé exercida pelos irmãos e irmãs daquele tempo. Algumas pessoas entendiam que viver a fé significava congregação, adoração, louvar, orar e meditar nas Escrituras. O apóstolo então ensina que estas ações de piedade deveriam aproximar as pessoas de Deus, mas ao mesmo tempo transformá-las, a ponto de viverem essa fé com novas atitudes e na relação com o próximo. Também salienta a necessidade de obedecer a Deus em todas as coisas, a exemplo de Abraão, que obedeceu a Deus a ponto de oferecer seu filho, como sinal concreto (obra) da fé.

Para ele, uma fé viva é aquela que é manifesta não somente a Deus, mas também na relação com todas as pessoas. É uma fé que é manifesta no dia a dia com ações (**Tiago 2.15-17**).

A dimensão pública da fé

A fé que precisa ser expressa em ações também era defendida por nosso Senhor Jesus. O Mestre enfatizou a necessidade da dimensão pública da fé, ao ensinar que a missão dos discípulos e discípulas acontece no mundo, na sociedade, no espaço público. Na Oração Sacerdotal, por exemplo, Jesus declarou: "assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo" (**João 17.18**).

A fé que recebemos como dom de Deus (**Efésios 2.8**) precisa ser aperfeiçoada em duas dimensões: pessoal e pública. A fé pessoal nos aproxima mais de Deus, nos mantém de pé na caminhada da vida; a sua

dimensão pública ou cidadã é aquela que nos motiva em direção às pessoas e suas necessidades, exige de nós uma vida honesta e responsável, fruto da obediência à Palavra. É uma fé que se desenvolve na sociedade.

Muitas pessoas, infelizmente, vivenciam somente a dimensão pessoal da fé, a fé da experiência intimista, do sentir Deus, da satisfação pessoal; porém a expressão dessa fé no cotidiano, especialmente na relação com as pessoas, por meio do testemunho, fica a desejar. Essa dimensão pública da fé se desenvolve a partir da doação, do serviço, da solidariedade, do sacrifício, do compromisso, da vivência em amor.

O próprio Jesus deu exemplo desse envolvimento com a sociedade, com as pessoas que se aproximavam dele e de quem Ele se aproximava. Ele percorria as cidades e aldeias ensinando, pregando e curando, demonstrando seu cuidado com o bem-estar integral das pessoas **(Mateus 9.35-36)**. Também esteve atento à fome da multidão e buscou meios de suprir aquela necessidade (ensinando assim que a fome do meu irmão e irmã é problema meu também – **Mateus 14.13-21**) e ainda se indignou pelo fato dos escribas e fariseus explorarem as viúvas e suas casas **(Mateus 23.14)**.

A dimensão pública da fé extrapola a conduta moral, ela exige atitudes pautadas na ética cristã. Não podemos incorrer no risco de acreditar que demonstrar a nossa fé publicamente é colocar uma camisa, uma etiqueta de evangélico(a). Quando verificamos o desempenho da bancada evangélica no cenário político, verificamos que isso não tem produzido um efeito positivo.

É lastimável verificarmos que a sociedade tem generalizado as ações das pessoas evangélicas que atuam na política. Há irmãs e irmãos evangélicos que têm desempenhado um mandato coerente com a sua fé em Jesus Cristo, mas que acabam esquecidos em meio àqueles e àquelas que apenas alardeiam a sua opção religiosa.

A dimensão pública da nossa fé precisa estar comprometida com a denúncia do pecado e com a proclamação e construção do Reino de Deus. Assim, os princípios polêmicos apontados na carta de Tiago – não fazer acepção de pessoas, discriminá-las ou excluí-las e demonstrar a fé em Jesus por meio dos atos amorosos – devem pautar a expressão pública da nossa fé em Jesus.

As obras, para quem crê em Jesus Cristo e no seu sacrifício de amor, não são realizadas para conseguir a salvação. Elas são fruto da nossa gratidão e adoração a Deus porque entendemos que, mesmo não merecendo esse extremo e único gesto de amor divino, o Senhor nos

concedeu a vida eterna. Não há nada melhor do que servir a Cristo!

Conclusão

Algo que nos move em direção a Deus é a fé. Ela nos leva a acreditar, a esperar, a sonhar e também a agir. Porém, a fé que nos aproxima de Deus não pode nos afastar das pessoas. Há pessoas que, ao se converterem ao Senhor Jesus, defendem que é preciso abandonar o mundo e, sem compreender o teor destas palavras, afastam-se cada vez mais do espaço que é, na verdade, o local da missão da Igreja: a nossa paróquia, como diria John Wesley.



Somos desafiados e desafiadas, tanto na perspectiva individual quanto comunitária (Igreja), a perceber os problemas e as necessidades que nos cercam para que, no nosso compromisso missionário, participemos das soluções e assim, por meio das obras, possamos vivenciar e demonstrar nossa fé.

Leia durante a semana¹

- :: **Domingo:** Tiago 2.14-26
- :: **Segunda-feira:** Mateus 7.20
- :: **Terça-feira:** Jeremias 29.7
- :: **Quarta-feira:** Mateus 5.13-15; 9.35-36
- :: **Quinta-feira:** Lucas 10.25-37
- :: **Sexta-feira:** Mateus 14.13-21
- :: **Sábado:** Miquéias 6.8

Bate-papo

Você e sua igreja têm experimentado essa fé vivificante e comprometida que Tiago declara caracterizar a pessoa cristã?

¹ Releia os textos desta seção durante a semana para fixar a lição de hoje. Faça isso semanalmente para cada lição.

Estudo 02:

"Sal fora do saleiro"

Texto bíblico: 2Reis 2.19-22

"Eis que é bem situada esta cidade (...), porém as águas são más, e a terra é estéril". v.22

Esterilidade é a incapacidade de reprodução e pode significar, em sentido figurado, "Falta do necessário; ausência, escassez, penúria". (Dicionário Houaiss, versão eletrônica: <https://houaiss.uol.com.br>). É sobre essa esterilidade que trataremos nesta lição. Pensando nisto, podemos perguntar: Onde está a "esterilidade" de nossa cidade? Onde há uma clara escassez que gera morte, tristeza, desassossego nas pessoas?

Na maioria das cidades existem os pontos turísticos, as belas imagens, e isso é maravilhoso. Mas, existem também lugares que nem sempre as pessoas reconhecem como seus – postos de saúde que não funcionam, ruas sem saneamento básico, espaços não adequados para as crianças e os adolescentes brincarem, "craquelândias" e tantos outros espaços esquecidos. Estes são, com certeza, lugares de extrema esterilidade.

Eliseu: compromisso, coragem e criatividade

Eliseu era um camponês que recebeu de Elias, o profeta, a missão de segui-lo (**1Reis 19.19**). Entendendo ser este um chamado divino, sem hesitar, destruiu seu arado, renunciando assim à sua antiga função, e aceitou a missão profética (**1Reis 19.20-21**). Foi um servo bom e observador, a ponto de lutar pelas mesmas causas defendidas por Elias na defesa da fé. Tal como Elias, envolveu-se com a política e com os problemas que afligiam as pessoas ao seu redor, exercendo assim sua fé numa dimensão pública, mais social do que pessoal.

Convivia com pessoas de todas as classes, mas estava muito mais entre as pobres (**2Reis 4.1-7**) do que entre as ricas e a realeza (**3.11-20; 4.8; 8.7-15**). Dedicava grande atenção às pessoas sofredoras e

necessitadas, demonstrando assim o quanto estava atento às necessidades e problemas sociais, e continuou sua atuação mesmo após a morte de Elias.

Foi assim que, ao saber de um problema existente nas águas que abasteciam a cidade de Jericó, procurou fazer alguma coisa para mudar essa realidade.

Apesar de ser muito bem estruturada, a cidade possuía um problema que afetava toda a população: as águas estavam contaminadas e traziam prejuízos para o solo, tornando as terras improdutivas, e provavelmente causavam também males em pessoas e animais que a consumiam.

Um grupo da cidade, tendo reconhecido em Eliseu a presença do Senhor **(v. 15)**, apresentou a ele o grave problema que afligia a comunidade: “nossas águas são más (amargas) e nossa terra é estéril”.

A resposta do profeta combinou dois elementos – um prato novo e sal. O prato novo indica que caminhos novos deveriam ser percorridos para resolver o problema apresentado. Mas não bastava o “prato novo”; ele, na verdade, carregava o elemento que podia revitalizar e restaurar os lugares antes estéreis – o sal.

O sal age alterando o paladar, eliminando bactérias, conservando. “Então, saiu ele ao manancial das águas e deitou sal nele; e disse: Assim diz o SENHOR: Tornei saudáveis estas águas; já não procederá daí morte nem esterilidade” **(v. 21)**. Assim como este ato transformou as águas e a terra daquele lugar, pequenas ações podem fazer a diferença mesmo nas condições mais insalubres e desanimadoras. Às vezes é preciso ir às fontes do problema para que ele possa ser solucionado.

Na maioria das vezes não é possível resolver os problemas aplicando velhas fórmulas ou disfarçando as situações. Por exemplo: não podemos confinar as pessoas usuárias de drogas em bicos denominados “cracolândias” e achar que por estarem isoladas está resolvida a questão. Essa situação exige o enfrentamento de maneira corajosa, criativa e consistente, com uso de diferentes recursos para mudar a realidade.

O Sal fora do saleiro

Tanto o sal quanto o açúcar só podem cumprir suas funções fora dos seus recipientes. A ação da Igreja tem a sua dimensão pública, isto é, para fora das quatro paredes. Ela pode promover mudanças pontuais, porém significativas na esterilidade da cidade e quando não for possí-



vel alcançar o todo, pode mudar o bairro e até mesmo a rua onde está. Precisamos desenvolver uma ação missionária que responda às necessidades da cidade e aos dramas do povo. Isso requer engajamento, otimismo responsável e abandono da murmuração.

O texto bíblico mostra um equilíbrio na análise das pessoas: reconheciam os valores também, e não só o problema. Um pessimismo generalizado não ajuda. Ele é, muitas vezes, o aliado da falta de compromisso com a mudança. Não podemos resolver todos os problemas de uma cidade, mas podemos contribuir para melhorar. Para isso é preciso identificar as necessidades de forma objetiva: "Os homens da cidade disseram a Eliseu: Eis que é bem situada esta cidade, como vê o meu senhor, porém as águas são más, e a terra é estéril" (v. 19).

O que a juventude da sua igreja pode fazer para melhorar a realidade? Primeiro, é preciso (re)conhecer os problemas, identificar suas causas, ouvir a população e buscar, coletivamente, possibilidades de transformação que muitas vezes vêm por meio de gestos simples e constantes.

O livro "O Pastor Urbano", organizado por Jorge H. Barro, apresenta quatro formas de atuação da Igreja na sociedade, necessárias ter uma presença transformadora. Assim, a Igreja precisa:

O livro "O Pastor Urbano", organizado por Jorge H. Barro, apresenta quatro formas de atuação da Igreja na sociedade, necessárias ter uma presença transformadora. Assim, a Igreja precisa:

• **Ser promotora de boas influências na sociedade (Gênesis 18.20-23; Levítico 19.17; Mateus 5.7; 13.16; Tiago 1.19-27).** A Igreja é a responsável por sinalizar a presença cristã nos diversos setores da sociedade; então, precisa se envolver na tomada de decisões que vão promover a vida urbana, pois como lemos em Provérbios: "Pela bênção que os retos suscitam, a cidade se exalta..." (Provérbios 11.11).

• **Interceder pelos problemas da cidade (Salmo 122; Jeremias 29.7; Lucas 19.41).** É dever da Igreja buscar a paz da cidade e isso é feito primeiramente através da oração intercessória; para isso, é necessário identificar quais são os seus problemas: insegurança, saúde pública,

desempregos e outros.

• **Proclamar o juízo de Deus e a mensagem redentora para a cidade (Jeremias 33.10-11; Jonas 3.1-10; Hebreus 13.13-14; Apocalipse 21.1-7).** O "Ide" de Jesus que nos convoca a anunciar o Evangelho, é um convite a profetizar contra o pecado, e ao mesmo tempo, revelar a misericórdia e graça divinas. A mensagem de salvação do Evangelho que liberta as pessoas também capacita a viver a vida abundante em Cristo já aqui neste mundo, mesmo estando ele cheio de sinais de morte.

• **Praticar a fé vivenciada na comunidade, com ações que enfrentem as injustiças humanas e sistêmicas na cidade (Deuteronômio 6.25; Isaías 61.1-4; Lucas 10.8-9; 1Coríntios 12.4-7; Efésios 4.11-16).** É o reconhecimento de que a Igreja é chamada para servir e aquilo que ela recebe de Deus durante o culto deve ser vivenciado na sociedade. "No contexto urbano, a fé dos santos se torna poder quando assume a vida em Cristo como a vida para a cidade"

(SANTOS Valéria dos. In: O pastor Urbano (Jorge Barro, org.), Londrina-PR: Editora Descoberta 2004, pp.166-167).

Conclusão

Nem sempre as mudanças são fáceis, mas também não precisam ser extraordinárias ou surreais. Precisamos agir para detectar, refletir e ajudar na superação dos problemas. O melhor é que isso seja feito de forma coletiva e sob a orientação do Santo Espírito. Assim como o sal fora do saleiro dá sabor aos alimentos, preserva-os, a Igreja atuando para além "das quatro paredes" cumpre o seu compromisso de anúncio e, ao mesmo tempo, construção do Reino de Deus.

Leia durante a semana

- :: **Domingo:** 2Reis 2.19-22
- :: **Segunda-feira:** 1Reis 19.19-21
- :: **Terça-feira:** Jeremias 18.1-6
- :: **Quarta-feira:** 2Coríntios 4.7
- :: **Quinta-feira:** João 16.33
- :: **Sexta-feira:** Salmo 122
- :: **Sábado:** Provérbios 11.11

Bate-papo

Qual tem sido o seu comportamento diante dos problemas da cidade? Como você tem exercido publicamente a sua fé?

Estudo 03:

Esperança no deserto

Texto bíblico: Gênesis 21.8-21

"Mas também do filho da serva farei uma grande nação, por ser ele teu descendente". v.13

Um homem (Abraão), uma mulher estéril, porém livre (Sara) e uma mulher fértil, porém escrava (Agar). Deus tinha feito uma promessa para Abraão e Sara, eles teriam um filho. O milagre da vida estava garantido para eles, era preciso apenas esperar e confiar que Deus providenciaria tudo no tempo certo. Esperar o agir de Deus não é fácil. A longa espera pode gerar desconfiança, especialmente na juventude.

Deus agirá mesmo? A desconfiança pode fazer com que percamos a esperança e daí vem a tentação de agir por conta própria. Agir sem a orientação de Deus, ou de forma contrária ao que Ele aconselha, pode gerar consequências negativas para nós e para as pessoas que envolvemos em nossos atos de irresponsabilidade. O estudo de hoje nos mostra os perigos de agirmos assim, pois nestes casos geralmente não respeitamos os limites e as vontades alheias. Isso pode indicar o quão egoísta e egocêntrica é a nossa natureza.

A aliança entre Deus e Agar

Sara, apesar de confiar em Deus, não teve a paciência de aguardar o cumprimento da promessa, então resolveu agir por conta própria. Dessa decisão nasce Ismael, filho de Agar (a escrava) e de Abraão. A esposa podia oferecer sua serva ao marido para que ele tivesse um filho, depois se comprometia em criar esse filho como se fosse seu, mas contradizendo o que deveria ser, Sara não criou a criança como seu filho.

No tempo certo escolhido por Deus, Sara engravida e aí começam os problemas consequentes dessa decisão precipitada. A atenção de Abraão agora precisava ser dividida entre os dois filhos pelo me-

nos; o filho da escrava frequentaria a mesma tenda do pai e também teria direito à herança. Ao ver Ismael rindo e brincando, Sara não se conteve e pediu para que Abraão os mandasse embora, retendo assim sua herança. Abraão, que já havia se omitido quando Sara humilhou Agar (**Gênesis 16.6**), atende agora seu pedido, tornando-se responsável com a esposa pelas consequências desta ação.

O que Sara e Abraão não contavam era com a providência divina sobre a vida de Agar e Ismael. A escrava encontrou-se no deserto por duas vezes: ainda grávida (**Gênesis 16.7-14**) e depois quando ela foi expulsa com seu filho (**Gênesis 21.14-19**).

Na primeira vez, junto a uma fonte de água (**16.7**), Deus a orientou a voltar para a casa dos seus senhores. Agar foi a primeira mulher no Antigo Testamento a ver uma aparição do Anjo do Senhor e recebeu a mesma promessa que Abrão, o pai da fé (**v.10**); isso era um privilégio em se tratando de uma mulher e, mais especialmente, de uma escrava estrangeira.

Na segunda vez, ela não fugiu, mas foi despedida. Agar tomou Ismael e saiu de casa com uma botija de água e um pouco de pão, acreditando que aquele seria o fim de ambos (**21.15-16**). Porém, Deus ouviu o clamor (**v.17**) e renovou a sua vida e a sua fé (**v.18**). O encontro de Agar com Deus lhe deu forças em meio à tribulação e ela recebeu orientação para seguir adiante.

Assim é Deus! Ele dispensa a sua graça especialmente a quem recebe o desprezo das pessoas.

Deus não se esquece de ninguém

Há pessoas que, por se acharem numa condição menos favorável na vida, sentem-se esquecidas por Deus e sem acesso à sua graça. Há também muita gente que despreza o próximo, há quem pense que as pessoas que não “venceram na vida” ou que estão em condições desfavoráveis, são menos esforçadas e, portanto, totalmente responsáveis por sua condição.

Nesta história, não foi a condição social que determinou a atenção de Deus. A graça divina foi estendida a Sara, Abraão, Agar, Ismael. Abraão e Agar tiveram a promessa de ter uma numerosa descendência. A periferia, se não conta com o favor das pessoas mais favorecidas e do governo, pode contar com a fiel misericórdia, o amor e a graça de Deus. Ele não se esquece de ninguém, mas nós, seres humanos sim, e desprezamos o mandamento divino de cuidarmos, em amor, uns dos outros.



É necessário que as pessoas que já entendem a totalidade da graça de Deus ajudem as pessoas que ainda não compreendem essa verdade, estimulando-as e acompanhando-as nesse sentido. Este entendimento é adquirido à medida que vivenciamos intensamente os valores do Evangelho, as experiências com Deus e o estudo da Palavra do Senhor.

Sara e Abraão já tinham, a essa altura, uma certa experiência sobre os cuidados de Deus, e poderiam ter compartilhado a fé que tinham com Agar e Ismael e na prática da acolhida, ter anunciado a escrava e seu filho que também faziam parte da promessa; no entanto, ao se omitirem, o próprio Deus se revelou. Quantas vezes nos omitimos! Anunciar a graça de Deus às pessoas por meio de palavras e ações é um privilégio.

Há vida e solidariedade no deserto

Que triste situação é a da escrava Agar e seu filho Ismael: expulsos do seu ambiente se veem no deserto, sem o mínimo para sobreviver e à beira da morte. Uma mãe em apuros, sem recursos, sem ajuda, espera a morte. O riso abundante de Ismael se transforma em choro; sem água e sem ter o que comer, a tristeza é inevitável.

Deserto é sinônimo de dificuldade, sequeidão, senso de abandono e iminente morte. Vivenciamos a experiência do deserto de diversas maneiras: há desertos espirituais, emocionais, mas há gente que vive um deserto social, sem recursos, sem a garantia de direitos básicos, (sobre)vivendo com o mínimo, e experimentando o abandono do poder público e das outras pessoas. Há choro, há dor, mas há também, em

todos os desertos, intervenção divina.

Deus se manifestou a Agar e Ismael, dando a ela a direção de como agir: “ergue-te”; “levanta o rapaz” (v.19). Deus lhe abriu os olhos e ela enxergou a fonte. O deserto muitas vezes nos derruba e nos impede de enxergar corretamente. Mas Deus, que não se esquece de ninguém, se manifesta em nossos desertos e nos ordena a levantar, abre os nossos olhos para enxergarmos a sua direção.

Deus também nos ordena a levantar outras pessoas que estão nos desertos. Ismael era pequenino, precisou de ajuda. Olhar para as pessoas “pequenas” e ajudá-las a levantar é um imperativo do Senhor! De Ismael, o pequenino, nasceu uma grande nação. Temos nós levantado as pessoas pequenas? A nossa indiferença e caridades pontuais (dando apenas uma botija de água e um pão) colaboram para que elas não tenham oportunidade de se reerguer.

Para Agar e Ismael agora era preciso exercitar a fé, confiar e depender de Deus, mas também usar a inteligência e a razão para aprender a viver no deserto e extrair dele sua subsistência. Livres, eles ganham a vida de volta e o sorriso largo nos lábios.

Conclusão

O amor, a graça e o cuidado de Deus são oferecidos a todas as pessoas, independente da sua condição social. Cabe a nós a responsabilidade de aceitar, confiar e manter-nos fiéis a Deus. É-nos dada também a incumbência de transmitir o conhecimento da fé na perspectiva do acolhimento e da inclusão, e agir em favor de quem precisa. Não estamos imunes aos desertos, mas nessa situação temos a chance de declarar a nossa fé, confiança e lealdade para com Deus e exercitar nossa solidariedade.

Leia durante a semana

- :: **Domingo:** Gênesis 21.8-21
- :: **Segunda-feira:** Gênesis 12.1-3
- :: **Terça-feira:** Salmo 57
- :: **Quarta-feira:** Isaías 43.1-6
- :: **Quinta-feira:** João 17.11-23
- :: **Sexta-feira:** Atos 10.23-35
- :: **Sábado:** Efésios 2.1-10

Bate-papo

Você tem se posicionado e agido em busca de uma vida digna para as pessoas menos favorecidas? Como? Quais são os seus limites para agir de forma solidária?